

INTEGRAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA NO SN: RELAÇÃO ENTRE NOME E MODIFICADOR

Lígia Maria da Silva (UFRN)

ligiamds@gmail.com

Edvaldo Balduino Bispo (UFRN)

edbbispo@gmail.com

Introdução

Os estudos atuais baseados na língua em uso evidenciam, por meio das diversas pesquisas sobre os mais variados fenômenos linguísticos, que as escolhas de determinadas formas linguísticas pelo falante advêm de motivações semântico-discursivas e cognitivas implicadas nos diversos contextos de interação.

Esses trabalhos reconhecem o relevante papel que fatores de natureza comunicativa/interacional e cognitiva desempenham na configuração estrutural de que se revestem variadas construções linguísticas. Isso equivale a dizer, em outras palavras, que há, de algum modo, uma motivação entre forma e função. Assim, a codificação linguística de determinadas estruturas tem a ver com as funções que elas desempenham e se relaciona diretamente aos propósitos que se quer alcançar na interação discursiva.

A partir do exposto, justifica-se a relevância do estudo da língua em uso, conforme é defendido pelos funcionalistas. De acordo com a perspectiva funcional da língua, o fenômeno linguístico deve ser tomado como produto e processo da interação humana, da atividade sociocultural. Sob essa ótica, os sentidos veiculados pelas estruturas da língua têm relação motivada, o que significa que estas são moldadas em termos daqueles.

Nesse contexto, este trabalho pretende investigar a relação entre Nome (N) e seus modificadores, seja adjetivo, locução adjetiva ou oração relativa, no interior do sintagma nominal, com o intuito de identificar possíveis motivações para os níveis de integração sintático-semântica entre esses elementos. De modo mais específico, objetiva-se analisar aspectos sintáticos, semânticos e comunicativo-interacionais envolvidos na maior ou menor vinculação entre o N e seu modificador e na escolha do modo de codificação linguística desse modificador. Focaliza, portanto, o estudo da língua em situações reais de interação, conforme uma abordagem centrada no uso, e trata, especialmente, de duas categorias centrais do funcionalismo, a saber: os princípios de iconicidade e marcação.

Contemplam-se aqui achados sobre o fenômeno investigado, os quais constituem respostas parciais e preliminares para algumas das indagações que sustentam esta pesquisa, quais sejam: De que maneira se dá a relação forma-função na integração N-modificador? Que motivações cognitivo-interacionais estão implicadas nessa integração? Qual a forma mais recorrente de codificação do modificador nominal? Que fatores motivam a escolha do tipo de modificador empregado em dado SN?

Metodologicamente, o trabalho consiste num levantamento quantitativo dos dados em termos de verificação de frequência de uso do fenômeno investigado e de suas formas de codificação sintática, além de análise qualitativa dos dados, no que se refere à investigação dos níveis de integração entre o nome e o seu modificador e de motivações implicadas nessa vinculação, com base nos pressupostos e categorias analíticas da perspectiva teórica que norteia esta pesquisa.

1. Aspectos teórico-metodológicos

O aporte teórico que embasa esta investigação é o da Linguística Centrada no Uso, nos termos defendidos por autores como Bybee (2010), Givón (1990, 1995, 2001), Tomasello (1998), Furtado da Cunha (2008), Furtado da Cunha, Silva e Bispo (no prelo). Segundo essa perspectiva, o contexto de uso é fundamental para se compreenderem os diversos fenômenos linguísticos, uma vez que da interação comunicativa emanam motivações para as diferentes formas que as estruturas linguísticas assumem. Entende-se, assim, que, de algum modo, há uma relação entre forma e função, de sorte que a codificação linguística de determinadas estruturas tem a ver com a função que elas desempenham na interação discursiva.

Dos princípios e categorias analíticas da Linguística Centrada no Uso, serão utilizados, neste trabalho, os princípios de iconicidade e marcação, para dar conta tanto da escolha por uma das três formas de codificação do modificador (adjetivo, locução adjetiva e oração relativa) quanto para analisar o nível de vinculação sintático-semântica entre ele e o núcleo do SN.

Em linhas gerais, o princípio de iconicidade refere-se à correlação natural entre a expressão linguística e seu conteúdo, de modo que se entende, com base no funcionalismo, que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência (BISPO, 2009). Conforme Givón (1990), a iconicidade compreende três subprincípios, a saber: *quantidade* de informação (segundo o qual quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma linguística); *proximidade* entre os constituintes (o qual preceitua que os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática); e *ordenação linear* (que estabelece que os constituintes se ordenam, no tempo e no espaço, conforme pressões cognitivas). Desse modo, a iconicidade é estimulada por questões de clareza e transparência, de modo a reduzir a opacidade entre a forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático.

Já o princípio de marcação diz respeito “à presença vs ausência de uma propriedade nos membros de um par contrastante de categorias linguísticas” (FURTADO DA CUNHA, 2001, p. 60). Segundo Givón (1990), existem três critérios principais que podem ser usados para distinguir uma categoria marcada de uma não marcada, num contraste binário. São eles: a) Complexidade estrutural – a estrutura marcada tende a ser mais complexa, ou maior, que a não-marcada correspondente; b) Distribuição de frequência – a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto mais saliente cognitivamente, que a não-marcada; c) Complexidade cognitiva: a estrutura marcada normalmente é mais complexa cognitivamente (em termos de atenção, esforço mental ou duração de processamento) que a correspondente não-marcada.

Em termos metodológicos, a pesquisa envolve tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos, com vistas à observação da recorrência às diferentes formas de codificação do modificador nominal, bem como da integração sintático-semântica entre ele o nome a que se refere e da identificação de motivações semântico-cognitivas e pragmático-discursivas envolvidas. Nesse sentido, a quantificação dos dados do *corpus* foi realizada para aferição de frequência de uso e identificação da forma mais recorrente de codificação, enquanto o aspecto qualitativo reside na explicitação de motivações para a recorrência a uma ou outra forma.

O *corpus* tomado como amostra para análise é formado por textos publicados nas edições do primeiro semestre de 2011 da revista *Veja*, nas seções *Carta ao Leitor* e *Gente*, que representam dois padrões discursivos, a saber, o Editorial e a Coluna Social. Como o periódico é de distribuição semanal, a amostra totaliza 26 publicações.

A revista trata de assuntos variados de abrangência nacional e global. Entre os temas abordados com frequência estão questões políticas, econômicas e culturais. A *Carta ao leitor*, que representa o Editorial do periódico, está localizada num espaço predeterminado, disposta em duas colunas, em média, logo nas primeiras páginas do periódico. Como é característico desse padrão discursivo, a *Carta ao leitor*/ Editorial expressa a opinião da equipe de redação acerca, principalmente, de um dos temas que tem mais destaque na edição. Já a Coluna Social, identificada na revista pela seção *Gente*, ocupa duas páginas, em média, reúne informações – que nem sempre são notícias – e imagens a respeito de personalidades famosas na sociedade, não somente no âmbito nacional, mas também internacional.

Devido à diversidade de assuntos tratados na revista, considera-se que o *corpus* pode oferecer um interessante material de análise como resposta aos questionamentos que sustentam esta pesquisa, pois os discursos empregados pelo produtor/redator emergem de diferentes motivações e veiculam variados propósitos comunicativos, constituindo, assim, importante amostra da língua em uso na modalidade escrita.

2. O modificador nominal

O elemento central desta pesquisa, o modificador nominal, é um componente do Sintagma Nominal (SN) que exerce funções sintático-semânticas no interior do SN, na delimitação/identificação/recorte de seu referente. Em termos estruturais, pode o modificador ser representado de diferentes formas: adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva restritiva. As ocorrências (1), (2) e (3), extraídas do *corpus* da pesquisa, ilustram esses modos de codificação.

- (1) “Dedicadíssima, ela secou ainda mais a silhueta **etérea**.” (Coluna Social, 05/01/2011)
- (2) “Como chocolate, risoto e doce **de leite** à vontade, porque não engordo [...]” (Coluna Social, 15/06/2011)
- (3) “[...] participou do começo e do desfecho feliz da abertura política **que levou o Brasil à redemocratização**, em 1985.” (Editorial, 19/01/2011)

Em (1), o elemento **etérea**, que modifica o núcleo nominal (silhueta), caracterizando-o, foi codificado como adjetivo. No excerto (2), o elemento modificador **de leite** caracteriza o núcleo do SN (doce), e é representado por elemento preposicionado, a locução adjetiva. E, em (3), a oração adjetiva restritiva **que levou o Brasil à redemocratização** é outra forma de codificação do modificador nominal, neste caso, uma estrutura oracional, restringindo a extensão semântica de **abertura**.

Via de regra, os compêndios gramaticais mais conservadores não dispensam muita atenção ao tratamento dos modificadores. Na verdade, a abordagem é feita sob o viés do estudo das classes de palavras (adjetivo, locução adjetiva), da análise sintática (adjunto adnominal) ou do tratamento do período composto (oração adjetiva restritiva).

Rocha Lima (1994), por exemplo, apenas caracteriza, no capítulo dedicado à análise sintática, o adjunto adnominal (função desempenhada pelo modificador), apresentando suas propriedades semânticas e categorias gramaticais que podem representá-lo. Na seção referente às classes gramaticais, a mesma caracterização semântica é feita com o adjetivo.

Bechara (2009), por sua vez, discute aspectos semânticos e sintáticos relativos aos elementos que podem representar o modificador nominal, sem, contudo, reuni-los sob esse

rótulo. O tratamento dado pelo autor a tais elementos, do mesmo modo que em Rocha Lima, ocorre de maneira esparsa: ora na seção dedicada às classes gramaticais, ora na seção dedicada à análise sintática.

Numa abordagem descritiva, Perini (2010), ao tratar de “outros complementos do verbo”, fala em sintagma adjetivo. Ele destaca que, apesar de não serem sintagmas nominais nem preposicionais, tais constituintes são semanticamente relacionados ao verbo de alguma maneira, e recebem papéis temáticos em virtude do seu significado, sem interferência do verbo, sendo, portanto, adjuntos e não complementos. De acordo com autor, os sintagmas adjetivos “se caracterizam por serem variáveis em gênero e em número e por concordarem com algum SN da oração” (PERINI, 2010, p. 91).

Castilho (2010), numa perspectiva funcional, aborda o papel de modificador ao tratar detalhadamente do sintagma adjetivo e do sintagma preposicional, além da seção dedicada às subordinadas adjetivas. O autor enfatiza os aspectos semânticos e sintáticos desses elementos. Também na mesma perspectiva, Liberato (2001), ao discutir a estrutura interna do SN em português, refere-se aos elementos modificadores, destacando-lhes o papel semântico de subclassificadores ou qualificadores.

Embora o elemento de que se ocupa esta pesquisa tenha sido abordado tanto por gramáticos tradicionais quanto por linguistas, o tratamento dado não lança luz sobre a relação entre o modificador e o núcleo do SN, em termos de integração sintático-semântica, de diferenças nas formas de codificação do modificador, da frequência de uso dessas diferentes de formas e de motivações implicadas nessa codificação. Essas questões constituem justamente o foco de interesse deste trabalho e ao mesmo tempo representam contribuição no sentido de fornecer maior conhecimento acerca do modificador nominal e de sua relação com o nome a que se refere.

3. Análise dos dados

Nesta seção, apresenta-se o resultado do levantamento de dados coletados no *corpus*, em termos de codificação do modificador nominal, bem como a análise qualitativa das ocorrências atestadas.

No que se refere ao quantitativo, foram identificados 1212 modificadores na Coluna Social, sendo 785 adjetivos, 356 locuções, e 71 orações relativas. Quanto ao Editorial, identificaram-se 1413 ocorrências, das quais 824 representavam adjetivos, 371 eram locuções, e 218 constituíam orações relativas. Os números mostram que o adjetivo é o tipo de codificação mais recorrente, representando uma quantidade significativa de ocorrências tanto na Coluna Social quanto no Editorial, alcançando, em ambos, percentual superior a 50%, como se observa no gráfico a seguir:

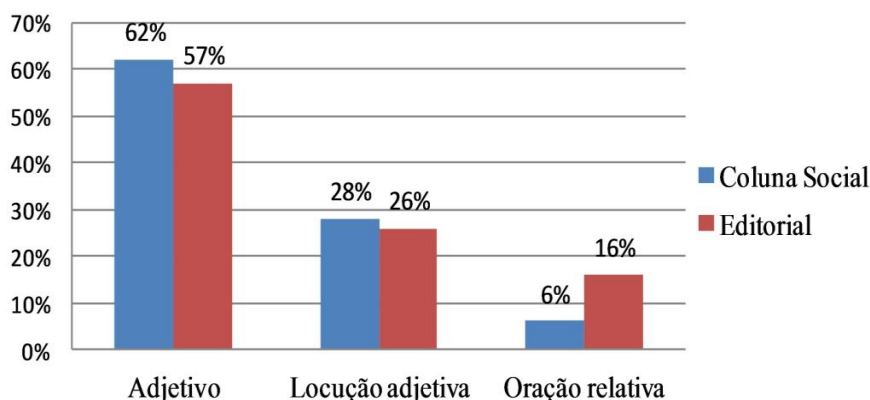


Gráfico 1 - Distribuição dos modificadores, no *corpus*, por tipo de codificação

Outro aspecto observado no *corpus* analisado diz respeito à ordenação dos elementos que codificam o modificador nominal, quando pospostos ao núcleo do SN. Com base nos dados, constatou-se que a ordem mais recorrente, quando são usadas pelo menos duas formas de codificação, é a seguinte: adjetivo – locução adjetiva – oração relativa. Isso mostra que o adjetivo representa a forma mais integrada ao núcleo do SN, ao passo que a oração relativa exibe menor vinculação. As amostras a seguir exemplificam tanto as diferentes formas de codificação do modificador nominal encontradas no *corpus* quanto a ordenação desses elementos.

- (4) “[...] de elevar em 0,5 ponto percentual a taxa **básica de juros**, a Selic, que determina o custo mínimo do dinheiro no mercado interbancário [...]” (Editorial, 26/01/2011)
- (5) “Ou vontade irresistível de ficar com o rosto **afilado e triangular** que está na moda entre os famosos.” (Coluna Social, 18/05/2011)

Em (4), destaca-se a ocorrência dos três modos de codificação do modificador relacionados a um mesmo nome (taxa), dispostos na sequência adjetivo – locução adjetiva – oração relativa. Em (5), verifica-se que, mesmo quando há ocorrência de apenas duas formas de codificação, a ordem de precedência é mantida: adjetivo e locução, adjetivo e oração, locução e oração, etc. Considerando-se, ainda, todo o *corpus*, constatou-se que a quantidade de ocorrências com a ordem não prototípica é insignificante.

Quanto à posição do modificador em relação ao nome, observa-se que o adjetivo, além de ser o mais recorrente e o mais integrado, é também o mais “flexível”, já que pode vir tanto antes quanto depois do elemento a que se refere, enquanto as locuções adjetivas e as orações relativas não precedem o termo modificado.

Considerando um tratamento qualitativo dos dados, pôde-se observar que há motivações, de naturezas distintas, implicadas na forma estrutural escolhida pelo escritor. Dito isso, o que se segue constitui discussão dos resultados obtidos à luz dos princípios funcionalistas de *iconicidade e marcação*.

Como mostram os dados da pesquisa, dentre as três formas de codificação do modificador nominal, o adjetivo é o elemento que se posiciona mais contiguamente ao nome a que se refere, sendo, portanto, mais integrado a este em comparação com a locução adjetiva e a oração relativa. O excerto (6) ilustra esse nível de integração sintática, que corresponde também à integração no plano do conteúdo: o adjetivo “feminina” aparece como a forma mais integrada sintaticamente (está mais próximo do nome modificado – **parte**); no plano do conteúdo, esse adjetivo responde pela primeira delimitação/especificação/recorte do núcleo do SN, estando, pois, conceptualmente mais integrado que as demais formas de modificador empregadas (locução adjetiva e oração relativa).

- (6) “[...] todo mundo dá uma olhadinha, em especial a parte **feminina da população** que adora analisar as roupas e concluir que a mais bonita é a mais magra.” (Coluna Social, 09/03/2011)

Quanto à frequência de uso, os dados revelam ser o adjetivo a forma mais recorrente de codificação do SAdj, e isso se coaduna perfeitamente com o princípio de marcação, segundo o qual as formas menos marcadas estrutural e cognitivamente são as mais frequentes. Isso implica que, em contrapartida, as estruturas mais complexas (locução

adjetiva e oração relativa, no caso) são menos frequentes, conforme atestam os resultados extraídos do *corpus* analisado. De todas as formas, a oração relativa mostra-se como a mais complexa, já que é um elemento mais elaborado, mais longo e que exige mais esforço de codificação e processamento, comparada à forma não marcada ou à marcada (adjetivo e locução adjetiva, respectivamente).

Ainda considerando os resultados quantitativos a que se chegou quanto à forma mais frequente de modificador e quanto à ordem mais recorrente de disposição dessas formas, pode-se constatar que essa ordenação exibe uma escala que vai da estrutura não marcada (o adjetivo) para a mais marcada (a oração relativa). Correlacionando esses achados com o nível de integração do modificador ao núcleo do SN, percebe-se que a estrutura não marcada é a mais integrada; por oposição, a estrutura mais marcada seria menos integrada.

A opção por uma ou outra forma de codificação do modificador também pode relacionar-se a fatores interacionais/ comunicativos. Assim, o emprego de uma oração relativa ou de um adjetivo semirrelativo correspondente, por exemplo, tem a ver com o modo como o enunciador concebe um dado evento ou com a maneira como pretende comunicá-lo: como produto ou processo. É o que se dá, por exemplo, em (7).

- (7) “Ao lado de Adriana Lima, 29, e Alessandra Ambrósio, 29, há mais tempo na casa, por isso, com direito **adquirido** de ficar mais cobertas e até mais ‘cheinhas’” (Coluna Social, 06/04/2011)

Note-se que o uso da forma *adquirido* em vez de uma oração relativa correspondente (que [se] adquiriu/ que foi adquirido) implica, do ponto de vista da perspectiva do evento, a ênfase no resultado (produto), que, no caso, é a obtenção do direito, ou melhor, a posse dele, e não o processo implicado nessa obtenção. Além disso, permeia essa escolha o princípio da economia, dado o fato de que a forma semirrelativa envolve redução estrutural em comparação com a relativa.

Assim, pode-se perceber que a escolha de uma oração relativa (desenvolvida ou reduzida) ou de um adjetivo semirrelativo é motivada por fatores semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. Isso implica que o falante/escritor opta pela forma que melhor representa a perspectiva sob a qual pretende comunicar o evento, considerando também o menor custo cognitivo implicado nessa escolha.

Outro aspecto que merece consideração diz respeito à natureza dos padrões discursivos que compõem o *corpus* desta análise. No Editorial (*Carta ao leitor*), encontram-se muitas informações novas, o que implica a utilização de estruturas com mais material linguístico para explicar, restringir, caracterizar, de modo mais preciso, determinado elemento. Já a Coluna Social (seção *Gente*) representa um texto mais informal, que envolve assuntos banais, fofocas (daí mais conhecidos), que evocam informações mais contextuais. Essa distinção pode explicar a diferença na frequência da oração relativa (forma mais complexa de modificador nominal) nos dois padrões discursivos: Editorial (com 16%) e Coluna Social (6%).

Portanto, a escolha do tipo de modificador advém, como já dito anteriormente, de motivações tanto discursivo-pragmáticas quanto semântico-cognitivas, de modo a atender às necessidades e propósitos dos interlocutores engajados em situações reais de interação verbal.

Considerações finais

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, foi possível fazer uma breve análise a respeito das motivações sociointeracionais e semântico-cognitivas implicadas na escolha da codificação do modificador nominal.

Os resultados coadunam-se com alguns pressupostos funcionalistas utilizados neste trabalho, principalmente no que se refere aos níveis de integração entre o nome e seu modificador, relacionados aos princípios de iconicidade e de marcação.

De modo específico, verificou-se que o tipo de modificador mais integrado ao nome é o adjetivo, que representa a forma menos complexa, não marcada e, portanto, mais recorrente, em comparação com a locução adjetiva e com a oração relativa. Também se observou que, em determinados contextos, faz-se necessário o uso de formas linguísticas mais complexas para melhor descrever, modificar e explicar um dado termo, conforme as pretensões do falante/escritor.

Em suma, as considerações constantes neste artigo abordam um pequeno recorte tanto em termos de material analisado quanto de teoria discutida. Destaca-se, portanto, a continuidade de pesquisas pautadas nos pressupostos da língua em uso, para que se possa chegar a outros resultados, quer em relação ao fenômeno aqui focalizado, quer em relação a outros fenômenos linguísticos, associados a outros contextos comunicativos que implicarão, certamente, diferentes motivações.

Referências bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Atualizada pelo novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

BISPO, Edvaldo Balduino. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. (Tese de Doutorado). Natal, RN: PPGEL (Letras)/UFRN, 2009.

BYBEE, Joan. *A usage-based perspective on language*. In: _____. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010. Cap. 1, p. 1-13.

FOX, Barbara A.; THOMPSON, Sandra A. *Relative clauses in English conversation: relativizers, frequency, and the notion of construction*. In: *Studies in Language* 31:2, 2007, p. 293-326.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Funcionalismo*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235-242.

_____. *Análise funcionalista de procedimentos discursivos*. In: PASSEGGI, L.; OLIVEIRA, M. do S. (Orgs.). *Linguística e educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001, p. 55-76.

_____.; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. *Linguística Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. (no prelo)

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. I e II, Amsterdam: John Benjamins, 2001.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. II. Philadelphia: John Benjamins, 1990.

LIBERTATO, Yara Goulart. A estrutura interna do SN em português. In: DECAT, Maria Beatriz do Nascimento et al. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2001, p. 41-102.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

TOMASELLO, Michael. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum, 2003.